

OLIVEIRA, José da Veiga. O celebrato e ignoto campineiro.
São Paulo, 11 abr. 1982.

Diário Popular,

Biblioteca Centro de Memória - UNICAMP



CMUHE002047

AUDITÓRIO

José da Veiga Oliveira

O celebrado e ignoto campineiro

O jornalista de Campinas Benedito Barbosa Pupo se notabilizou por uma nobre luta em prol da obra artística de Antonio Carlos Gomes (1836-1896). Não é de hoje que acompanhamos atentamente, endossando na íntegra, suas posições construtivas e polêmicas. São elas em síntese: conhecer na totalidade suas composições operáticas, instrumentais e vocais. Para isso é necessário que se crie um Banco de Partituras, aberto à consulta, pesquisa, informação, execução, como prévia e imprescindível infra-estrutura. O "status quo" — nem é preciso dizê-lo! — é negativo, desanimador. Carlos Gomes inscreve-se em todos os livros de história da música brasileira. A "Protofonia d'O Guarany" a "Alvorada" de "Lo Schiavo" todos os apreciadores conhecem-nas já no primeiro compasso. Claro que muita música precisa reviver. Nessa revivência estão engajados Barbosa Pupo e o Departamento de Música do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Coordenador de pesquisas, Pupo localizou na Biblioteca Nacional, na da Universidade Federal do RJ e no Arquivo Histórico Nacional numerosas composições para piano, óperas (completas ou inconclusas), inéditas, entre elas a *Joana de Flandres*, uma das primícias. Uma equipe de especialistas de Campinas fará o levantamento técnico e musicológico. Pupo se bate pela execução da obra. Certíssimo! Como se ad-

mite que haja uma "Semana Carlos Gomes" sem que se toquem suas composições?! Foi ele por essência um operista. Então que se façam as óperas gomesianas.

Ao argumento — sempre ponderável — dos pesados onus orçamentários poder-se-á obter com a possibilidade de cenários simplificados. Na pior das hipóteses, execuções sob forma de oratório (concerto solístico, de coro e orquestra). E por que não uma adequada sequência de diapositivos (o intolerável substantivo "slides"?!). Sei que há gente que guarda ciumentamente em armários e gavetas diversos manuscritos de C. Gomes. Está na hora de colocar o acervo sob a égide pública. Atitude narcisista, anti-funcional é o receso. Permito-me, a esse respeito, referir "ipsis litteris" o depoimento do compositor norte-americano Walter Piston (1894-1976): "The greatest service one can render a composer is to play his music, a service beside which that of supplying him with food and lodging appears under the heading of relatively minor fringe benefits. Por it is only by hearing his works performed that he is enabled to progress and develop as a creative artist. Also, the knowing that someone wants him to compose, which he is going to do anyway, is nonetheless stimulating and encouraging. His (o ouvinte) is an indispensable role, for without a receiver there can be no communication".

Música de câmara. Quarteto de Cordas Municipal no Masp (11.3), em excelente forma. Hydn, op. 76 n.o 4 (Hoboken III:78), apelidado "Aurora" ("Sunrise"), recebeu tratamento menos polido e mais áspero. O mestre era "Ancien Régime": pede suaves contornos, pouquíssimas arestas. **Adagio** de amplo vôo lírico. Repetições expositivas todas presentes. Logo veio o "complemento nacional"... Em vez de um Oswald, um Villa-Lobos, ou o extraordinário Quarteto de Lacerda, arrei-me das virtudes de paciência estóica, sofredora, lenta, a fim de "digerir" o 2.o Quarteto de Camargo Guarnieri. Data de 1944 e recebeu 1.000 dólares da RCA Victor e da "Chamber Music Guild" de Washington D.C. Essa partitura, a meu ver, simboliza uma completa inutilidade. O 1.o mov. "Enérgico" manipula a

forma-de-sonata, mas instala tédio. Segue-se-lhe o "Nostálgico": soporífero, xaroposo, enfim, um lamentável desastre, para concluir num "Alegre" ao modo de dança, anódino quanto mais não possa. Como se pode premiar uma sensorialidade dessa ordem?! O Quarteto Musical deunos, para concluir, a **Opus 18 n.o 4** (Dó menor) de Beethoven. Deuses louvados! Mensagem de gênio! O mestre teria 26 ou 28 anos quando compôs essa maravilha, estreada em Viena (1800). Tem de comum com a Sonata em Mi bemol maior, n.o 18, op. 31 n.o 3, a circunstância de omitir o movimento lento. Vishnia, Kleber, Jaffé, Kubala tocaram-no dum modo soberbo: brio, estilo, sonoridade, articulação, "Empfindsamkeit". Em matéria de quarteto, mais uma vez repisa-se o óbvio: Beethoven sempre será irrealizado!

DISCOS CLÁSSICOS

Canções Napolitanas — Luciano Pavarotti, tenor; Coro e Orquestra do Teatro Comunale, Bolonha; "National Philharmonic Orchestra" reg. Gian Carlo Chiaramello. — London/Polygram 46004. Ed. brasileira. Bruno Blois, Discos.

Pavarotti foge do seu elemento: — a ópera bel canto (Rossini, Mercadante, Bellini, Donizetti) — para ofertar-nos um ramallete das mais célebres canções napolitanas, orquestradas e decoradas a capricho. A incrível beleza canora de Pavarotti, sua emissão puríssima, isenta de soluços e lacrimosas plangências "à la" Gigli, a dicção dialetal, a simplicidade desafetada e direta — são virtudes egrégias para melodias como "Torna a Surriente", "Maria Mari", "Funiculi Funiculà", "O Marennariello", "A Vucchella", "O Sole Mio", "Marechiarè" e outras do mesmo gênero. Disco magnífico. Um "must"!

SCHUMANN — Sinfonia n.o 2, em Dó maior, op. 61; Abertura "Hermann e Dorotea", op. 136. — "Philharmonia Orchestra London" reg. Riccardo Muti. — EMI Quadrifônico, LC 0233. Ed. alemã, Bruno Blois, Discos.

No 1.o mov. Schumann pede "Allegro, ma non troppo". Converte-o o Muti num tremendo "tour de force

com muito brio". A estrutura alcança eletrizante alta-voltagem, sem nenhum momento contrastante na manipulação da forma-de-sonata. O "Scherzo" inclui sutilezas agógicas, através dum "rubato" de excepcional categoria. Mas o momento mágico sobrevém no "Adágio expressivo", quando os violinos desenvolvem uma alongada, melancólica, vibrantemente apaixonada cantilena, começando em Dó menor, para concluir em Mi bemol maior. Schumann não escreveu nada mais lírico e belo. Muti e os Filarmônicos londrinos lhe alçaprem a sublimidade inefável. Por fim, o "Allegro molto vivace": — esplêndido. O LP inclui complementarmente uma ignota "Ouverture" póstuma, para o drama homônimo de Goethe Disco amplamente recomendado.